



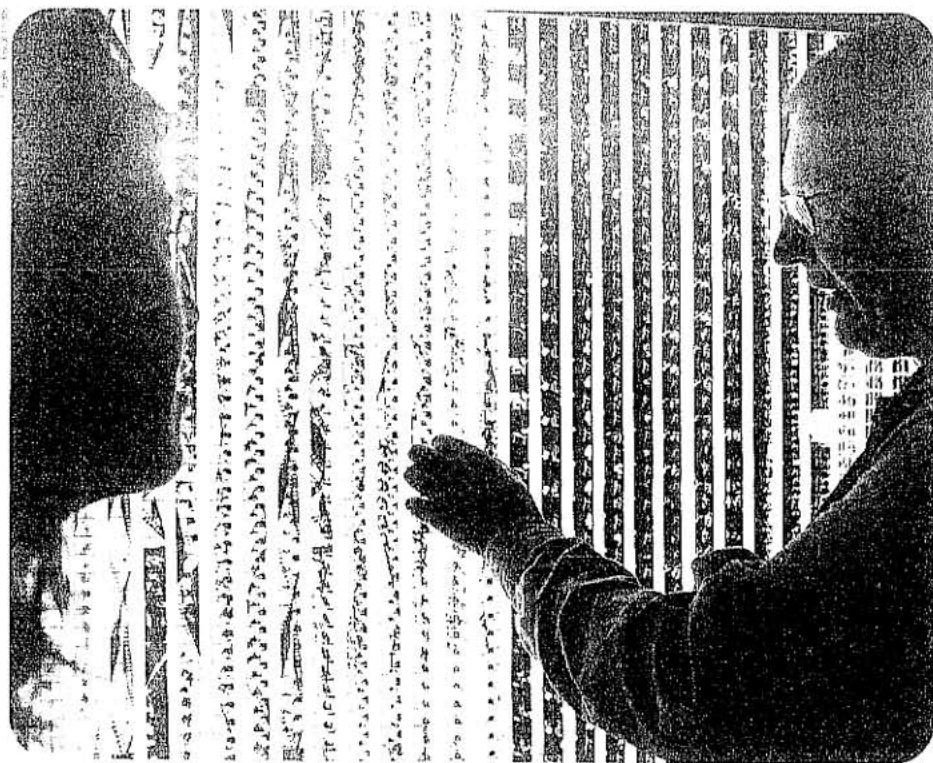
Daniel Ribas*

Um conceito novo: cultura visual (ainda sobre o Curtas 2006)

Foi esta altura que se conhecem os vencedores da edição deste ano do festival de Curtas Metragens de Vila do Conde. Depois de uma semana intensa, muitos foram os filmes exibidos, algumas descobertas e cresce uma sensação de uma realidade nova que começa a aparecer (a análise sobre os filmes propriamente ditos apenas será publicada na próxima semana). E esse conceito novo que surge com insistência ligado ao Curtas é o da cultura visual. Num mundo pós-moderno as fronteiras desapareceram e os estilos confundiram-se. Várias vezes é possível (por exemplo num programa impresso do próprio Curtas) vermos a dupla distinção de um filme (por exemplo: documentário e experimental). Isto decorre de uma evidente fragmentação do género, que deve ser acompanhada com atenção e objecto de análise histórica. É o que se tentará fazer nos próximos parágrafos.

Esta multiplicidade cultural deve lida ainda num âmbito mais vasto, que tem sido intensivamente estudada no campo de acção dos estudos culturais. Vários académicos e críticos do actual panorama internacional também se começaram a interessar por esta rede de afectos. A esse interesse também não ficaram indiferentes os agentes e os programadores culturais. E em primeira instância, claro, os artistas (agora verdadeiramente transversais) começaram a desenvolver os seus trabalhos numa perspectiva literalmente conceptual, enformando a obra no suporte que melhor poderia interpretar o seu conceito. Essa foi uma decorrência natural da transformação artística operada desde a década de 60, sobretudo com artistas como o Grupo Fluxus, Andy Warhol ou John Cage (para enumerar apenas três de uma imensidão gigantesca). É a isso que se designou chamar *arte contemporânea*.

Ora a arte contemporânea, para além de diversos aspectos profundamente ligados com questões técnicas e expositivas, começou a ligar-se intensivamente com o cinema (e com o vídeo), uma nova arte capaz de ser a síntese perfeita de muitas outras artes e capaz de provocar nos artistas a vontade de trabalhar numa novo meio, exponencialmente interessante para uma variedade de pressupostos artísticos. Por isso, mais uma vez desde a década de 60, muitos artistas (cujo título académico se restringia a «pintor» ou «escultor») começaram a trabalhar com o vídeo e com o cinema. A galeria e o museu passaram a ser outra coisa, uma espécie de mistura entre espaço de exposição e sala de cinema, capaz de aglutinar



e sintetizar todas as áreas artísticas. Foi nessa perspectiva que nasceu, por exemplo, o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, a resposta institucional a um movimento imparável. No seu crescimento natural, o Festival de Curtas começou a perceber que havia mais algum espaço para além do cinema em 35 mm, exibido numa sala escura. Por isso, houve a necessidade de prolongar o seu programa cultural a uma série de eventos que fosse resposta a esta institucionalização da arte contemporânea. Na sua vontade de descobrir objectos novos, Vila do Conde cresceu e assim nasceram os parentes das Curtas: a secção *Work in Progress*, a galeria de arte cinemática (o Solar) e os filmes-concerto. Nessa vertente, a galeria de arte cinemática ocupa um lugar central, porque desloca e dá a ver a matéria essencial do festival (os filmes e os seus realizadores) numa nova perspectiva. Por isso mesmo, a programação do festival assumiu essa diferença e apostou nessa novidade ao propor e ao encomendar aos realizadores peças específicas para o tempo do festival e para o espaço da galeria.

Ao construir este novo espaço, o Curtas apro-

ximou-se do conceito novo de cultura visual. Isto é, as novas formas de entender a imagem e o som, deslocalizando-as do espaço restrito da sala de cinema. Mais: ser capaz de as confrontar com um novo espaço e interagindo com outro tipo de *materias artísticas*: a fotografia, a pintura, a música (e a performance). A ver, este ano, estão dois artistas profundamente ligados à experiência da curta-metragem: Peter Tscherkassky e Apichatpong Weerasethakul, em exposições que se prolongarão para além da semana do festival (estarão em exibição no Solar até 31 de Agosto). O desafio é, então, visitar Vila do Conde aberto às coisas novas, porque poderão sair de lá fascinados com a visão da *arte nova*.

14.º Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde. 8 a 16 de Julho de 2006, no Auditório Municipal de Vila do Conde.

Programa e mais informações em:
<http://www.curtasmetragens.pt/>

danielribas@chix.pt
argumentista